

## EDUCAÇÃO SEXUAL: o que tem o professor de matemática a ver com isso?

Letícia Rafaela Herculino Quintiliano  
Graduanda em Matemática – Uni-FACEF  
E-mail: le.herculino13@gmail.com

Profa. Dra Valéria Beghelli Ferreira  
Docente Centro universitário municipal de  
Franca – Uni-FACEF  
E-mail: valbeghelli@yahoo.com.br

**RESUMO:** A educação sexual na escola consiste em colocar professores com um preparo adequado para desempenhar de forma significativa seu papel, orientando os alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades e angústias. Percebe-se que mesmo com o desenvolvimento da tecnologia, acesso à informação, o assunto Educação Sexual ainda é visto como um tabu na sociedade, no meio familiar e nas escolas. Neste sentido, sendo professor de matemática ou de qualquer outra área, os processos de formação e qualificação para trabalhar temas relacionados à sexualidade humana são necessários e importantes para lidar com situações dentro de sala de aula. A pesquisa objetivou possibilitar uma reflexão sobre o papel do professor de matemática no contexto da educação sexual na escola. Este estudo foi uma revisão narrativa com pesquisa bibliográfica realizada em base dados, periódicos de licenciatura, livros, que deram suporte teórico ao tema. Ser professor, é ir além do que explicar a matéria, ele está em convívio direto com o aluno e seu dever social e responsabilidade encarar isso de forma com que as circunstâncias sejam positivas para o aluno. Nota-se a relevância da capacitação docente e aplicação do tema. Vários alunos não estarão salvos da ignorância, por assim dizer, podendo refletir sobre o tema.

**Palavras-Chave:** Educação Sexual. Sexualidade e Escola. Matemática e Educação Sexual.

### 1 Introdução

O objetivo da educação sexual na escola consiste em colocar professores com um preparo adequado para desempenhar de forma significativa seu papel, orientando os alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades e angústias. Percebe-se que mesmo com o desenvolvimento da tecnologia, abrindo portas para o acesso à informação, alcançando várias classes sociais, o assunto Educação Sexual ainda é visto como um grande tabu na sociedade, no meio familiar e nas escolas, espaço em que poderia ser abordado este assunto, uma vez que é pautado dentro do currículo escolar (ALMEIDA; COSTA; SILVA, 2005).

As questões relativas à sexualidade ainda provocam tremores, já que

estamos tratando de um diálogo entre diferentes gerações, e os pais nem sempre compreendem que seus valores e ideias não vão mais de encontro às necessidades de seus filhos. É certo que a preocupação da maioria dos pais é proteger os filhos de uma vida sexual frustrante. E muitos talvez os façam por experiência própria, só que à carga de tabus e preconceitos que eles carregam, criam determinadas imposições que acabam com o diálogo, e prejudicam cada vez mais a relação entre pais e filhos (ALMEIDA; COSTA; SILVA, 2005, p.53).

Para Castro; Abramovay; Silva (2004), além de ser escasso o assunto sobre sexualidade nas escolas, este quando é tratado, aborda grande parte do ponto de vista biológico e não leva em consideração toda parte social, cultural, comportamental e psicológica que está envolvida.

Sabe - se que o Brasil é um país com características tradicionais e machistas, consequência de todo um imperialismo vivido desde as grandes imigrações. Segundo Foucault (2004) o termo sexualidade sofre tanta repressão e com o decorrer da história, toda essa opressão ganhou força e mais forma, porque em tempos remotos, nenhuma criança e jovem poderiam tocar no assunto sem incomodar quem estivesse ouvindo. Segundo o autor, para muitos adultos, falar sobre sexo com crianças e jovens era uma forma de incentivar ao ato, que independente se era certo ou errado, o jovem, um dia virando adulto, iria desfrutar do prazer.

Almeida; Costa; Silva, (2005) complementando esta discussão ressaltam que sem o acesso a informações e orientações sobre sexualidade, jovens, podem ter comportamentos sexuais de risco e contribuir para a gravidez na adolescência ou para infecções sexualmente transmissíveis.

A desqualificação do discurso dos jovens leva a sociedade a tratá-los como indivíduos que não podem falar por si. Dessa maneira, a mídia, a religião e diversos campos de conhecimento disputam a hegemonia de uma discursividade sobre a juventude. Quando lhes é dada a palavra, é apenas simbolicamente, uma vez que a fala é controlada, selecionada, para conter o perigo que ela pode advir (SALES, 2001, p. 27).

Almeida; Costa; Silva (2005) ressaltam que falar de sexualidade vai muito além de falar sobre o ato sexual, para os autores, é preciso desmistificar essa ideia tradicional e errônea, e explicar que falar sobre é fazer com que o jovem entenda como nasceu, conhecer o seu corpo, evitar abusos sexuais, porque se explicará os limites e cuidados, falar sobre sentimentos e responsabilidades afetivas com o outro.

Complementando esta discussão, Leal; Saito (2000) abordam esses aspectos, ressaltando a preocupação com as situações de risco geradas pelo ato sexual e, também, as formas pejorativas de se tratar o tema.

O exercício da sexualidade na adolescência poderá constituir risco variável para o projeto de vida e até da própria vida, bastando para isso lembrar consequências como: gravidez precoce, aborto, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. Quando se considera a gravidez na adolescência, torna-se cada vez mais clara a importância da educação sexual na prevenção de fatores de risco. Para a realização dessa proposta serão convocados todos os segmentos da sociedade. Mas, se a meta é educar, informar ou melhor ainda, formar, a escola destaca-se entre os grupos de referência por ser esta a sua função precípua. Alguns princípios básicos deverão ser estabelecidos para que a atuação dos educadores tenha êxito. Talvez, dentre eles, o mais importante seja não basear a orientação sexual apenas no uso de preservativos e anticoncepcionais, mas, sim, no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações, o que favorece o desenvolvimento

da cidadania, do respeito, do compromisso, do autocuidado e do cuidado com o outro.” (LEAL; SAITO, 2000, p. 44)

Pensando no papel do professor neste contexto SILVA; (2016) afirma que o educador deve estar preparado para lidar com essas questões, evitando opiniões pessoais e reconhecendo a importância de se falar sobre o assunto dentro das instituições. Para a autora, os professores devem se qualificar, pesquisar e obter informações para melhor lidar com os discentes de forma adequada em cada fase do seu desenvolvimento.

Se dentro das escolas a escassez do assunto é um fato, como poderá o jovem, no momento atual, diante de um bombardeio de informações midiáticas e de influenciadores digitais, conseguir orientações responsáveis sobre questões de sexualidade? Além disso, será que apenas o professor de ciências é responsável em debater o assunto? Os professores estão preparados para responder e ou abordar o assunto de forma empática, coerente e inclusiva? O professor de matemática, pode atuar sobre isso? E como? São estas inquietações que justificaram a busca deste estudo.

Neste sentido, sendo professor de matemática ou de qualquer outra área, os processos de formação e qualificação para trabalhar temas relacionados à sexualidade humana são necessários e importantes para lidar com situações que virão dentro de uma sala de aula.

este estudo teve por objetivo possibilitar uma reflexão sobre o papel do professor de matemática no contexto da educação sexual na escola, além de compreender o que é educação sexual; compreender como funciona o debate sobre sexualidade no meio escolar; discutir o papel do docente no processo de educação sexual e identificar as possibilidades do professor de matemática trabalhar com o tema.

Este estudo foi uma revisão narrativa que objetivou conhecer o que a literatura discute, sobre como a educação sexual é abordada no contexto escolar e o que o professor de matemática tem a ver com isso.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em fontes reconhecidas de dados, tais como, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), periódicos de licenciatura, livros, que deram suporte teórico ao tema. A busca do material teórico se deu pelas palavras chaves: Educação Sexual, Sexualidade Escola; Matemática e Educação Sexual; Formação do Professor e Educação Sexual.

Algumas questões norteadoras foram formuladas para embasar a elaboração desse trabalho “se dentro das escolas a escassez do assunto é um fato, como poderá o jovem, no momento atual, diante um bombardeio de informações midiáticas e de influenciadores digitais, conseguir orientações responsáveis sobre questões de sexualidade? Além disso, será que apenas o professor de ciências é responsável em debater o assunto? Os professores estão preparados para responder e ou abordar o assunto de forma empática, coerente e inclusiva? O professor de matemática, pode atuar sobre isso?

Portanto este estudo traz a compreensão da educação sexual no contexto escolar e a participação do docente de matemática neste contexto, a fim de trazer em pauta a importância do assunto e possibilitar ampliar esse processo educativo tão necessário ao jovem na contemporaneidade, buscando comportamento sexual mais responsável, afetivo e saudável.

## 2 Educação Sexual

Educação sexual é o termo utilizado para nomear o processo que busca proporcionar conhecimento e esclarecer dúvidas sobre o assunto sexualidade, que envolve o conhecimento do próprio corpo, sentimentos, desejos e anseios, sexo, proteção, orientação sexual, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência (MAIA; RIBEIRO; 2011).

A educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 13).

Ribeiro; Reis (2007) apontam que, tempos atrás, trabalhava-se a sexualidade não porque se acreditava ser esta importante para o desenvolvimento integral do indivíduo, mas porque as pessoas começaram a ter a visão de que a educação sexual deveria ser discutida de uma forma que tratasse dos problemas que estavam aparecendo, na época como: a gravidez na adolescência, o uso de drogas por adolescentes e devido à preocupação de pais e educadores com o avanço e aparecimento da AIDS, que começava a ameaçar também aos jovens e mudar todos os conceitos e maneiras de vivenciar a própria sexualidade.

A Organização das Nações Unidas (ONU, 2007) considera que a educação sexual está relacionada à promoção de direitos humanos – direitos das crianças e jovens e o direito que toda pessoa tem à saúde, educação, informação e não discriminação. Por isso, a ONU é favorável à implementação de um currículo para educação sexual nas escolas:

Educação sexual é um programa de ensino sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Seu objetivo é equipar crianças e jovens com o conhecimento, habilidades, atitudes e valores que os empoderem para: vivenciar sua saúde, bem estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais respeitosos; considerar como suas escolhas afetam o bem estar próprio e dos outros; entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo da vida (UNAIDS, 2018, p. 17).

Pontes (2011) aponta como definição de sexualidade a “qualidade do que é sexual”, sendo sexual o que é “relativo ao sexo; que tem sexo; que caracteriza o sexo”. A autora também traz recente edição do Dicionário da Língua Portuguesa que define sexualidade como as “características morfológicas, fisiológicas e psicológicas relacionadas com o sexo”. Mas não foi apenas nas páginas dos dicionários que o conceito de sexualidade se transformou e evoluiu. Segundo a autora, esse conceito tem sofrido inúmeras e profundas metamorfoses ao longo do tempo, acompanhando as transformações históricas e sociais e impulsionando muitas delas.

Definir sexualidade resulta, pois, numa tarefa extremamente complexa. De facto, a sexualidade, dada a importância que assume no contexto da existência humana, surge imbuída num intrincado conjunto de dimensões, problemáticas e disciplinas diversas que se dedicam ao seu estudo. Não pode ser de forma alguma perspectivada como imutável, quer em termos pessoais quer em termos sociais ou históricos. Isto porque, por um lado, a sexualidade

varia de forma significativa ao longo do ciclo de vida, podendo ser experienciada de forma diferente em função da idade, classe, etnia, capacidade física, orientação sexual, religião e região (PONTES, 2011, p.24).

Para a autora, nenhuma educação sexual visa ensinar ou estimular que os alunos pratiquem algum tipo de ato sexual em si.

Figueiró (2010) aponta que a educação sexual amparada no resgate histórico e cultural também sustenta a abordagem definida como emancipatória ou libertadora, que reconhece a tal estratégia como instrumento de busca de felicidade e transformação dos padrões de relacionamento sexual.

Para a autora, nesse entendimento, o educador não deve limitar-se ao conhecimento de informações científicas descontextualizadas da realidade em que vivem os sujeitos., devendo ter uma abordagem emancipatória que valoriza tanto o aspecto informativo quanto o formativo, considerando o contexto em que vivem os sujeitos, com vistas a auxiliar a compreensão das normas sexuais como construção social, atentando-se para o respeito à diversidade sexual e de gênero e para o alcance dos direitos sexuais e reprodutivos, possibilitando, assim, uma vivência da sexualidade com liberdade e responsabilidade.

Para Althusser (1985) apud Fernandes; Correia; Lages (2016), em pleno século XXI é comum deparar-se com dúvidas dos mais diversos graus acerca dos temas envoltos na Educação Sexual. Para as autoras, por se tratarem de adolescente em todo o vigor da puberdade, sempre estão repletos de questionamentos, onde inúmeras vezes não tem o apoio familiar, incumbindo a escola o papel de esclarecer tais dúvidas. Contudo, muitas instituições ainda se fundamentam na concepção de que este tema deve ser debatido exclusivamente no seio familiar, não nas salas de aula, evidenciando que a qualidade da instrução educacional está corrompida, já que o ensino reproduz práticas coercivas e repreensivas (ALTHUSSER, 1985, apud FERNANDES; CORREIRA; LAGES, 2016).

Portanto, segundo ressaltam Fernandes; Correia; Lages (2016) educar sexualmente é competência de todos. Para as autoras, é preciso contextualizar, debater e disseminar conhecimentos sem incluir crenças pessoais, proporcionando uma reflexão coerente, e não uma coerção ou repreensão, buscando uma formação social e pessoal dos adolescentes, reduzindo a distorção e vulgarização de informações tão essenciais.

### 3 Sexualidade e a Escola

O debate sobre sexualidade no meio escolar é de extrema importância para preparar jovens e adolescentes para uma vida sexual segura e saudável e cuidar do seu próprio corpo e bem estar.

Saito, 2008 apud Vieira; Matsukura (2017) destacam que a escola, enquanto grupo de referência e espaço de significativa importância no processo de construção do ser humano, têm muitas potencialidades para que sejam trabalhadas com os adolescentes, questões como sexualidade, drogas, projetos de vida, entre outras, valendo-se do respeito à autonomia e reconhecimento das capacidades dos adolescentes.

As autoras destacam que as práticas de educação sexual nas escolas podem promover o diálogo, a troca de experiências e informações, maior autonomia quanto ao exercício da sexualidade e podem contribuir positivamente com a saúde

integral dos educandos e reduzir as possíveis consequências indesejáveis advindas das vivências sexuais.

Biancon (2009) aponta que de acordo com a legislação educacional brasileira, a educação é proposta como um processo global que visa à formação integral do educando, devendo incluir, portanto, a Educação Sexual como parte de um processo intencional, mesmo que os valores sociais, éticos e políticos relacionados com a sexualidade estejam presentes nas relações interpessoais de forma não intencional.

Para Maistro; Oliveira (2007) embora haja um número significativo de trabalhos na perspectiva de subsidiar os educadores quanto à abordagem da educação sexual, ainda, segundo as autoras, observa-se que são poucas as escolas que incluem em suas práticas um projeto desta natureza. Quando incluem, baseiam-se em palestras de psicólogos, enfermeiros e/ou médicos e a fixar nos corredores, cartazes informativos sobre campanhas de prevenção de DST/AIDS, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos. Para as autoras, essas ações não são suficientes para esclarecer as dúvidas e compreender as múltiplas expressões do tema.

Falar sobre sexualidade por si só já é um desafio, as resistências são muitas, exigindo de todos os envolvidos revisarem conceitos, superar preconceitos e estereótipos, olhar reflexivamente sobre a própria sexualidade, lidar com tabus, medos vergonha (MAISTRO; OLIVEIRA, 2007, p.2).

Para Maistro; Oliveira (2007) os projetos escolares para discutir o tema da sexualidade podem ser desenvolvidos a partir de qualquer iniciativa: de uma professora, de um grupo, ou de uma política pública; entretanto, o autor ressalta que qualquer que seja a origem dessa iniciativa parece imprescindível que o projeto se sustente e se desenvolva de modo independente para se ajustar às características dos problemas enfrentados pela escola no que tange à sexualidade.

Quanto mais a escola desenvolver projetos relacionados com os problemas contextuais da sexualidade, mais garante a sua continuidade e sustentabilidade, legitimando o projeto na prática. Mas, é essencial que, professores, alunos e pais mantenham um diálogo permanente, que haja a conscientização de que sexualidade é um fato que deve ser tratado e construído ao longo da vida e que é necessário a formação específica aliada ao conhecimento científico dos educadores para nortear as propostas contidas no projeto de Educação sexual (Maistro; Oliveira, 2007).

Vários currículos escolares mal abordam o tema e quando abordam é de forma pouco profunda, tratando - se muita das vezes sobre a parte biológica, desconsiderando toda parte social e cultural. Do mesmo modo, sobre as políticas públicas que se debruçam sobre a elaboração dos materiais didáticos utilizados no ensino público fundamental e médio, no que tange a temáticas em sexualidade mais relacionadas às questões subjetivas e socioculturais, considera-se que a efetiva inclusão nos currículos ainda permanece no plano ideológico e revela-se distanciada das práticas (RIOS; SANTOS, 2008).

De acordo com Maia; Ribeiro (2011) uma educação sexual adequada deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve e ajudar as pessoas a ter uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais,

a elaborar seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual.

Complementando, Furlanetto (2019) acrescenta a necessidade de avanços na área da educação sexual nas escolas brasileiras, uma vez que suas ações ainda estão pautadas em um tratamento moral e pedagógico. Para a autora, é importante reconhecer que algumas práticas vêm sendo desenvolvidas e que há um esforço por parte de profissionais, especialmente os da área da saúde, para abordar a temática no contexto escolar, mas ainda são muitas as barreiras que impedem a consolidação das práticas previstas nos PCN, as quais precisam ser reconhecidas e superadas.

#### **4 O Papel do Docente no Processo de Educação Sexual**

O papel do docente é primordial no processo do ensino sobre educação sexual. Acreditando em uma formação de qualidade, o professor é quem influencia a vida do aluno diretamente, já que passamos dias da semana com cada um deles, é um contato direto. Por isso, é de extrema importância debater e refletir assuntos tão importantes, que talvez não seriam abordados dentro de casa.

Dessa forma, Ribeiro; Reis (2007) ressaltam que a escola, querendo ou não, depara-se com situações nas quais é chamada a intervir. Para os autores, seja numa brincadeira entre os colegas ou nos desenhos que ficam pelas portas e paredes dos banheiros, a sexualidade se apresenta no cotidiano da escola e dependendo da visão destes diante o tema, o trabalho poderá vir numa abordagem mais conservadora ou progressista.

Para Figueiró (2010), ainda há restrições nos conteúdos abordados nas práticas e segundo a autora estas restrições estão relacionadas ao fato da sexualidade permanecer como um tabu para muitos profissionais, bem como a valores morais e religiosos e também à falta de preparo na formação acadêmica para o trabalho de educação sexual.

Para Quirino; Rocha (2012) na percepção docente a educação sexual, vinculada aos aspectos informativos e associada ao bom senso, é a chave principal para estimular nos/as adolescentes comportamentos sexuais classificados como saudáveis e responsáveis. Os autores sinalizam, ainda, a mudança de paradigma quanto ao tratamento que a sociedade atribui à sexualidade, o qual, nos dias atuais, perde seu status de tabu, uma vez que as vivências e práticas sexuais têm conquistado maior liberdade de expressão. Essa liberdade pode estar relacionada à maior abertura de diálogo sobre sexo, exposição midiática de temas relacionados à sexualidade, desvinculação do prazer e maternidade, aumento das expressões sexuais e erotização precoce (QUIRINO; ROCHA, 2012).

Os autores ainda apontam que os temas, para o desempenho de uma educação sexual na atualidade, ainda ficam concentrados em torno de mitos e tabus sexuais de base fisiopatológica e/ou epidemiológica. Além disso os autores ressaltam que o trabalho e a prática docente configuraram-se como verticalizados e descontextualizados dos aspectos históricos e socioculturais, estando centrados no ensino com pouca diversificação de recursos e estratégias didáticas e pedagógicas, o que gera pouco impacto na clientela estudantil.

## 5 O Professor de Matemática e Educação Sexual

Muito se questiona sobre quem aplica o estudo sobre educação sexual, logo vem em mente o professor de ciências, mas porquê não de outras áreas? A educação é interdisciplinar e dentro da matemática, é possível trabalhar vários assuntos.

Barreto (2007) aponta que em contraposição ao ensino tradicional, surgiram nas últimas décadas, diversas propostas pedagógicas que buscam evidenciar o papel ativo do aprendiz e compreender os processos que estes utilizam nas transformações necessárias para o aprendizado. Para a autora é necessário repensar a relação do aluno com a disciplina assim como o papel do professor, é necessário buscar uma aprendizagem que se apoie sobre a atividade intelectual do aluno, não sobre a memorização, nem sobre a aplicação de saberes cujos sentidos não são verdadeiramente compreensíveis.

Nessa perspectiva, Barreto (2007) afirma que os documentos do MEC apontam como sugestão a articulação entre as disciplinas escolares e os temas transversais e, entre eles, a Educação Sexual.

Neste sentido, D'Ambrosio; Rosa (2016) apontam que há uma metodologia muito utilizada e bastante eficiente, conhecida como Etnomatemática que apresenta outros entendimentos sobre a educação matemática e que emergiu em meados dos anos de 1970, no Brasil, por Ubiratan D'Ambrósio. Cada grupo cultural desenvolve e constrói a sua matemática em seu processo de leitura do mundo.

Etnomatemática trata-se de uma postura didática que busca uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem da disciplina com a incorporação no currículo matemático do conhecimento advindo da vida do aluno e de valores humanos, como, por exemplo, a cooperação, a solidariedade e a ética. São conhecimentos que promovem a valorização e o respeito às maneiras diferentes que a humanidade utiliza diariamente para explicar, entender, compreender e lidar com as situações-problema enfrentadas no cotidiano (D'AMBRÓSIO; ROSA, 2016)

Para Rosa Neto (2002) apud Schwantes (2019) existe uma significativa relação entre a matemática e a cultura, ambas como resultado de uma adaptação social em função das necessidades de sobrevivência através dos tempos, representando um legado empírico, sistemático e científico.

Os povos têm uma cultura [etno], lidam e explicam sua própria cultura [matema], no entanto, cada qual do seu jeito e de sua forma [tica]. Desta constatação resultou a denominação etnomatemática, que por sua vez, leva em conta as explicações próprias das comunidades, gotejando-as com as formas universais de conhecimento. É fato que toda criança antes de chegar na escola sabe lidar perfeitamente com a sua realidade, a qual se encontra em permanente evolução. A etnomatemática mexe com a curiosidade da criança, volta-se em primeiro lugar, para o ambiente onde ela vive, cumprindo sobremaneira uma tarefa que a escola vem esquecendo (D'AMBRÓSIO, 1993 apud SCHWANTES, 2019, p.5).

Neste sentido trazer um conteúdo centrado nas expectativas e perspectivas do aluno o faz se sentir mais seguro da própria capacidade de construir conhecimentos matemáticos, e de outros conteúdos na busca de soluções para os problemas que ele encontra dentro do seu cotidiano que podem ser sobre aspectos da sexualidade humana.

Complementando Flach; Kopzinski (2016) ressaltam que as situações

problemas discutidas em sala de aula não devem ser trabalhadas no objetivo de atingir apenas determinados conteúdos matemáticos, mas também discutir e compreender questões políticas, sociais e culturais. Para as autoras, as discussões acerca dos estudos de gêneros, as questões discriminatórias, o estudo das diferentes formas de entender e vivenciar a sexualidade, o respeito com o outro, a seriedade e entendimento da importância do estudo da temática sexualidade feita pelos alunos, entre outras questões abordadas, tudo isso fez parte do currículo de matemática.

Penso ser esta uma matemática repleta de sentidos, uma matemática utilizada como ferramenta para a compreensão e comunicação no mundo em que vivemos, uma matemática que não existe por si só, mas que está inserida em um contexto, que faz parte da vivência, do dia-a-dia do aluno, uma matemática com significado (Flach; Kopzinski, 2016, p.13).

Para tanto, Barreto (2007) aponta que a escola desempenha um papel importante na educação para a sexualidade e que o trabalho de orientação sexual pode contribuir para a prevenção dos diversos problemas, inclusive ligados a gravidez precoce. No entanto, para a autora, apesar destas diretrizes, há ainda uma precariedade com que a escola vem assumindo a sua responsabilidade nestas questões e as dificuldades de implementação de ações inovadoras no contexto escolar. Além disso, Barreto (2007) aponta que os estudantes têm interesse em tratar dos assuntos ligados à sexualidade no ambiente escolar, mas que as informações que possuem são insuficientes e de qualidade duvidosa.

Para Guse; Waise; Esquincalha (2020) os futuros(as) professores(as) de matemática poderão contribuir para que a escola proporcione uma educação equitativa para todos(as). Os autores apontam a necessidade de discutir e ser anti todo e qualquer discurso vigente que discrimine, segregue ou exclua qualquer pessoa por sua diversidade de gênero ou sexual, e segundo os mesmos deve ser também discutido nos contextos da família e da escola e nas salas de aula de quaisquer disciplinas, incluindo as de matemática.

Portanto, de acordo com Guse; Waise; Esquincalha (2020) a formação do professor de matemática deve abranger discussões sobre as questões de gênero e sexualidade para que estes possam aprender a reconhecer e trabalhar com seus alunos que não fazem parte do padrão hegemônico da sociedade, lidando com situações preconceituosas e discriminatórias nos ambientes escolares e não sendo reprodutores dessas ações.

## 6 Considerações Finais

Conforme observado no decorrer do trabalho, entendendo o que é educação sexual, o estudo sobre sexualidade, nota - se a importância do assunto ser bem trabalhado nas escolas, com o intuito de esclarecimento e reflexão. Não só recorrendo a parte biológica, que não deixa de ter sua importância, mas trazendo toda parte social e psicológica que são grandes bagagens para o processo.

Recorrendo ao papel da escola e dos professores, especialmente o professor de matemática, este artigo confirma a importância da preparação desse profissional, assim como docentes de outras áreas, para atuar na orientação da educação sexual e assim evitar problemas como gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis, reconhecer algum tipo de abuso ou assédio, ter

esclarecimento sobre o corpo e seus limites.

É muito superestimado o trabalho dos professores na área de exatas, como no caso o professor de matemática, mas entende - se a grande importância de sua participação, usando a metodologia etnomatemática, que visa trazer todo o contexto social e cultural do aluno para a aplicação do conteúdo. Pode - se trabalhar com enunciados bem elaborados no campo de estatística, por exemplo.

Ser professor, é ir além do que explicar a matéria a classe, ele é influenciador direto, muita das vezes convivendo mais com o aluno do que a própria família, é dever social e responsabilidade encarar isso de forma com que as circunstâncias sejam positivas para o aluno. O professor sendo assim porta voz de muitos assuntos.

Nota - se a relevância de unir - se o útil ao agradável, de acesso a informação, com a capacitação do docente e aplicação do assunto. Vários alunos não estarão salvos da ignorância, por assim dizer, podendo refletir sobre o tema.

### Referências:

ALMEIDA, D, S, O. COSTA, R, L. SILVA, T, M. Educação Sexual. *Chega de tabu! a sexualidade sem medos e sem cortes*. 2005. Disponível em: [file:///C:/Users/le\\_quintiliano/Downloads/chegadetabu.pdf](file:///C:/Users/le_quintiliano/Downloads/chegadetabu.pdf). Acesso em: 9 jun. 2021.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G; SILVA, L. B. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. Disponível em: [http://www.cepac.org.br/agentesdacidadania/wp-content/uploads/2014/04/Unesco\\_juventudes\\_sexualidade.pdf](http://www.cepac.org.br/agentesdacidadania/wp-content/uploads/2014/04/Unesco_juventudes_sexualidade.pdf). Acesso em: 20 set 2021.

BIANCON, M. L. A Educação Sexual na Escola e as Tendências da Prática Pedagógica dos Professores. *Anais do SIES - Simpósio Internacional de Educação Sexual da UEM*. 2009. disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Downloads/8.pdf>. Acesso em: 20 set 2021.

D'AMBROSIO, U.; ROSA, M. Um diálogo com Ubiratan D'Ambrosio: uma conversa brasileira sobre etnomatemática. In BANDEIRA, F. A.; GONÇALVES, P. G. F. (Orgs.) *Etnomatemáticas pelo Brasil: aspectos teóricos, matemáticas e práticas escolares*. Curitiba, PR: Editora CRV. 2016. pp. 13-37.

FLACH, V, F. KOPZINSK, S, D. Educação Sexual. *Saberes matemáticos produzidos em um projeto interdisciplinar sobre educação sexual: Análise de um experiência pedagógica no 7º ano do ensino fundamental*. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/31f0f702-a76a-4dbd-a1f2-a7b114c7f0f8/Saberes%20matem%C3%A1ticos%20produzidos%20em%20um%20projeto%20interdisciplinar%20sobre%20educa%C3%A7%C3%A3o%20sexual%20.pdf>. Acesso em 01 Dez. 2021.

FERNANDES, M. A.; CORREIRA, M. S. LAGES, L. M. P. Inclusão Sexual: abordagem docente sobre a educação sexual no ensino fundamental II. 2º Congresso Internacional de Educação Inclusiva. Universidade Federal da Paraíba, 2016. Disponível em:

[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO\\_EV060\\_M D1\\_SA9\\_ID300\\_14102016114128.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_M D1_SA9_ID300_14102016114128.pdf). Acesso em 01 Dez. 2021.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio. 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

FOUCAULT, M. *Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade*. verve, 5: 260-277, 2004.

FURLANETTO, Milene Fontana et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 48, n. 168, p. 550-571, jun. 2018. Disponível em <

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-157420180002005550&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-157420180002005550&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em 04 junho de 2019.

GUSE, H. B.; WAISE, T. S.; ESQUINCALHA, A. C. O que pensam licenciandos(as) em matemática sobre sua formação para lidar com a diversidade sexual e de gênero em sala de aula? Revista Baiana de Educação Matemática, v. 01, p. 01-25, e202012, jan./dez., 2020.

LEAL, M. M.; SAITO, M. I. Educação sexual na escola. *Artigos Originais*. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://aws.amazon.com/pt/s3/>. Acesso em: 23 mai. 2021.

MAISTRO, V, I, A. OLIVEIRA, V, L, B. Educação Sexual. abordagem da educação sexual nas escolas - um projeto urgente. Anais do SIES - *Simpósio Internacional de Educação Sexual da UEM*. Disponível em: <https://docplayer.com.br/70710207-Abordagem-da-educacao-sexual-nas-escolas-um-projeto-urgente.html>. Acesso em 03 Dez. 2021.

MAIA, A. C. B; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. Doxa, v.15, n.1, p.75-84, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/124985>. Acesso em: 20 set 2021.

PONTES, A. F. *Sexualidade: Vamos Conversar Sobre Isso? Promoção do Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção em Meio Escolar*. Tese (Doutorado em Ciências de Saúde Mental) – Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto., Porto 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/24432/2/Sexualidade%20vamos%20conversar%20sobre%20isso.pdf>. Acesso em 20 set 2021.

QUIRINO, G, S.; ROCHA, J, B, T. Educação Sexual. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012.

RIBEIRO, M. REIS, W. Educação Sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. 2007. Disponível em:

[https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/389/362](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/389/362). Acesso em: 20 set 2021.

SALES, C. M. V. Os jovens como experimentadores e produtores de devires. In: M. N. Damasceno, M.N; K. S. L. Matos; K.S.L; G. Vasconcelos, J.G (Orgs.). *Trajéto*

*da Juventude*. Fortaleza, 2001. Disponível em:  
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42933>. Acesso em: 23 mai. 2021

SILVA, K. F. Pedagogia da sexualidade: o papel do professor. *Artigos Originais*. João Pessoa, 2016. Disponível em:  
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4317/1/KFS22112016.pdf>. Acesso em 09 mai. 2021.

VIEIRA, P. M; MATSUKURA, T, S. Educação Sexual; Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr/jun. 2017.

SCHWANTES, V. et al. Reflexão sobre etnomatemática como possibilidade pedagógica. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 11, ano 4, pp. 148-165, jul 2019.